

## O PENTECOSTALISMO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NA POLÍTICA: UMA BREVE ANÁLISE

*The pentecostalism of the assemblies of god churches on politics: a brief analysis*

Rodolfo Moura<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo discute o atual processo de envolvimento dos pentecostais, a partir das observações das Assembleias de Deus na conjuntura política brasileira, uma vez que sua atuação nunca foi tão ostensiva como integrante desse cenário político, contrariando assim seu passado de aversão ao jogo político. Assim, o artigo busca compreender essa aproximação e as consequências da envoltura política desse segmento religioso nas eleições presidenciais de 2018. Este artigo visa contribuir ao debate relacionado à influência dessa politização do eleitorado das Assembleias de Deus no cenário político brasileiro e suas consequências, discutindo possíveis anseios políticos desse grupo religioso, que cresce a cada dia e que se torna forte política e socialmente no Brasil.

**Palavras-chave:** Política. Politização. Pentecostais. Assembleia de Deus. Eleição 2018.

### ABSTRACT

This paper discusses the current process of involvement of Pentecostals, through observations of the Assemblies of God Churches in the Brazilian political conjuncture since their act has never been so deliberate as being part of this political scenario, so contradicting their past of aversion to the political game. Thus, the paper seeks to understand this approximation and the consequences of the political involvement of this religious segment in the Brazilian presidential elections of 2018. This paper aims to contribute to the debate related to the influence of this politicization of the Assemblies of God electorate in the Brazilian political scene and its consequences, discussing possible political aspirations of this religious group, which is growing and is becoming stronger in the political and social aspects in Brazil.

**Keywords:** Politics. Politicization. Pentecostals. Assembly of God. 2018 elections.

### Introdução

O presente artigo tem como propósito buscar compreender a atual performance dos pentecostais assembleianos no envolvimento do mundo político, pois o cenário político que o Brasil vive sinaliza para um período da história do movimento pentecostal marcado pela quebra de paradigmas acerca de sua envoltura política partidária, em outras palavras, diriam que o

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciência da Religião pelo do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR/UEPA) e integrante do - Grupo de Pesquisa Movimentos, Instituições e Culturas Evangélicas na Amazônia- (MICEA/UEPA). Professor efetivo de história na Secretaria de Educação do Estado do Pará, lotado no Sistema de Organização Modular de Ensino – SOME. E-mail: rodolfomoura2005@yahoo.com.br.

movimento pentecostal experiencia de forma nunca antes vista um processo por assim dizer, de politização de modo mais acentuado, na antítese de sua base ideológica sectária e escapista herdada do protestantismo norte-americano, posto que a visão de mundo dos pentecostais sempre presou pelo aspecto fatalista da sociedade, sugerindo ao crente o perfil antipolítico, uma vez que a solução para tempos melhores se reservaria ao poder divino e não ao poder político, entendido por esse segmento religioso em outros tempos como coisa mundana<sup>2</sup> (BAPTISTA, 2009, p.158).

Há de levar-se em consideração que as denominações da Assembleia de Deus crescem<sup>3</sup> a cada dia, logo com esse crescimento é natural que a mesma potencialize seu “capital político” (BOURDIEU, 1989) e nesse jogo de poder se faça necessário que a cada dia o crente perceba a necessidade de ver a política como um campo oportuno que contribuiria para obra de Deus na terra. Não é a toa que boa parte dos parlamentares pentecostais são apresentados aos seus eleitores como um “missionário na política” (BAPTISTA, 2009, p.31) ou um “político de Cristo” (CAMPOS, 2002, p.2). Nessa lógica, parece ser imprescindível que o crente mude o seu olhar para a política e que entenda a importância da representatividade pentecostal no mundo político, com isso possibilitando uma eventual politização do eleitorado pentecostal.

Diante disso, este artigo tem como proposição contribuir para com o debate sobre a atual conjuntura de participação política dos pentecostais no Brasil, tendo como parâmetro de análise a participação da maior igreja pentecostal do país que é a Assembleia de Deus. Desse modo, para a construção dessa abordagem se buscará na esteira do método qualitativo os dados a serem analisados, como defende Engler e Stausberg (2013, p. 64): “não existem dados sem métodos e teorias. Os métodos ajudam a analisar a realidade, mas ao mesmo tempo eles, em parte produzem os dados que devem ser analisados”. Sendo assim, seguindo esta linha metodológica, se utilizará como referência algumas pesquisas que versem sobre esse desempenho político dos pentecostais, assim como o uso de fontes informativas proveniente da mídia social do contexto das eleições de 2018, bem como recorrer a pesquisas que ajude entender a formação política e religiosa dos pentecostais nos últimos anos, dispoendo como luz de investigação o pentecostalismo assembleiano, que auxilie na compreensão de como se constitui esse processo de aproximação desse segmento religioso com a política. No entanto, em um primeiro momento

---

<sup>2</sup> O termo integra a linguagem pentecostal, no caso, para se referir a tudo aquilo que existe no mundo que está fora do plano divino para a pessoa.

<sup>3</sup>Pesquisa Datafolha(2016). Dispnivel em:<  
<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/12/28/da39a3ee5e6b4b0d3255bfef95601890afd80709.pdf>> Acesso em: 24/09/2021

o artigo fará referência à postura dos pentecostais frente à reabertura democrática brasileira e posteriormente discorrerá sobre o contexto atual desse processo de politização desses religiosos.

Posto isso, ficam as indagações: como se estabelece esse processo de envolvimento político? Qual ou quais os principais anseios com essa politização? Quais os efeitos desse agente politizado no cenário político na atualidade? Partindo desses questionamentos se propõe construir uma abordagem que verse sobre a tentativa de ajudar responder essas questões.

### **A fase de abertura**

Como mencionado anteriormente o movimento pentecostal no Brasil nasce atrelado à herança sectária e escapista, que de certa forma, dada essa cosmovisão, justifica o modo tardio do envolvimento político desse segmento religioso, que antes dos anos 80 se apresentava de forma “aparentemente modesta” (LACERDA, 2017, p. 37). Em virtude disso, os pentecostais desenvolveram de forma lenta e gradativa a preocupação sobre questões sociais, sob a condição da concepção fatalista de o “mundo jaz do maligno”<sup>4</sup>(I João 5:19), contudo no quadro de reabertura da democracia brasileira na década de 80, os pentecostais saíram da “greve social” (BAPTISTA, 2009, p. 206), e segundo Ricardo Mariano (2015, n.p), em sua análise sobre os “Pentecostais e Política no Brasil”, essa inserção se deu da seguinte forma:

Em meados dos anos 1980, porém, numa surpreendente inversão de crenças, de estratégia competitiva e de inserção social, várias igrejas pentecostais trocaram, repentinamente, o lema quietista ‘crente não se mete em política’ pelo jargão corporativo ‘irmão vota em irmão’, baseado, tal como o mote anterior, não obstante a guinada radical, em interpretações bíblicas. Os expoentes desse ideário defenderam, num tom arrivista e triunfalista, que os evangélicos deveriam deixar de ser ‘cauda’ para se tornar ‘cabeça’

Vale lembrar que esse processo de inserção dos pentecostais nesse contexto de reabertura democrática foi de algum modo instigado pelo clima que se criou frente à elaboração da nova Carta Magna, na qual os boatos acerca das perseguições aos crentes foram difundidos de norte a sul do país, como afirma Mariano:

[...] - como estopim de sua mobilização eleitoral e como fator de legitimação de sua participação na política partidária – decorreu da orquestração, pelas cúpulas eclesiais, sobretudo pela Assembléia de Deus, de um boato persecutório, que percorreu como um rastilho de pólvora os mais diferentes grupos pentecostais de norte a sul do país, acusando a liderança católica de pretender assegurar e ampliar, legalmente, privilégios institucionais para si na

---

<sup>4</sup> Concepção religiosa que compreende que o mundo vive sob a influência do poder de Satanás, que de algum modo justifica a visão fatalista dos problemas que a sociedade enfrenta, onde só serão superados com a volta de Jesus Cristo e com a restauração do reino de Deus.

nova Carta Magna e, ao mesmo tempo, restringir, de alguma forma, a liberdade religiosa dos evangélicos. (MARIANO, 2015, p.n)

Com a justificativa pautada na “síndrome persecutória” (MARIANO, 2015, p.n), os pentecostais conseguiram na eleição para Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988), um crescimento na representatividade parlamentar de 900%<sup>5</sup>, dessa maneira dando início à formação da “bancada evangélica”. Vale destacar que dentre outros fatores que impulsionaram os pentecostais a se inserirem ao mundo político, recai sobre o fato de que o Brasil vivia o contexto da chegada de um novo pacto nacional com a Constituinte, como é bem lembrado por Saulo Baptista, na pesquisa acerca dos “pentecostais e neopentecostais na política brasileira”, quando afirma:

A arregimentação dos pentecostais para o Congresso Constituinte esteve também relacionada com a ideia do advento de um novo pacto nacional. A elaboração da Carta Constitucional seria o momento de refundação da sociedade brasileira, no que tange ao estabelecimento de novas relações, quando minorias organizadas teriam a chance de garantirem direitos e exigirem a efetivação de um sistema democrático mais inclusivo, identificado com as demandas sociais. (BAPTISTA, 2009, p. 160)

Dessa forma, esses novos personagens políticos comporiam a nova fase democrática do país, ainda que mais tarde pesasse sobre esse grupo a queixa por assumirem os vícios da cultura política brasileira como o patrimonialismo, clientelismo, fisiologismo, corporativismo, dentre outras práticas nada saudáveis à democracia. A reativação da Confederação Evangélica Brasileira – CEB<sup>6</sup> foi um exemplo claro disso. Composta de políticos conservadores evangélicos, a organização foi usada como pessoa jurídica que atendia os interesses de sua direção como um perfeito balcão de negócios, junto ao governo Sarney (BAPTISTA, 2009, p. 167). Em virtude desses vícios adquiridos, inevitavelmente alguns nomes de políticos pentecostais foram arrolados em denúncias de corrupção (BAPTISTA, 2009, p. 168).

Desse modo, a década de 80 foi prelúdio de grande impulso no processo de politização dos pentecostais na arena política brasileira, esta que antes era vista como um espaço tido como

---

<sup>5</sup> O Congresso Constituinte de 1987-1988 foi um divisor de águas no que se refere à participação pentecostal no cenário político brasileiro, a exemplo disso a maior igreja pentecostal do Brasil, a Assembleia de Deus, conseguiu eleger 13 deputados, enquanto na legislatura anterior exercia apenas um representante. (BAPTISTA 2009, p.21).

<sup>6</sup> A Confederação Evangélica Brasileira – CEB foi criada ainda na década de 30 com objetivo de reunir várias igrejas evangélicas em um caráter ecumênico que tinha como objetivo promover o trabalho em conjunto entre as igrejas. No contexto da Constituinte de 1934, ela lutou pra neutralizar o poder da igreja católica no que se refere ao cerceamento à liberdade de culto e pluralidade religiosa. Posterior a esse momento, dedicou-se a projetos sociais e para educação religiosa, até desaparecer no período do governo militar. De forma oportunista, já durante o Congresso Constituinte de 1987-1988, esse grupo foi reativado como “balcão de negócios” durante o governo Sarney (BAPTISTA, 2009, p.167).

“sujo” e “indigno” da presença dos “verdadeiros crentes” que não deveriam desperdiçar “pérolas aos porcos” (CAMPOS, 2002, p.1). No entanto, a partir dessa integração, a participação dos pentecostais no jogo político cresceu nas décadas subsequentes. Na fase atual, a quantidade dos que se identificam com essa tendência religiosa cresceu de forma considerável e naturalmente vindo a potencializar a força política dos pentecostais, que de tal modo que essa força política ascendente se refletiu no contexto das campanhas políticas da corrida eleitoral de 2018, como observado adiante.

## 2.1. Fase atual

Como já reportado, o número de pessoas que na fase atual se aproximam ou se identificam como pertencentes ao segmento religioso assembleiano cresceu, ganhando considerável amplitude nas últimas décadas segundo pesquisa Datafolha (2016). Dessa forma, com esse crescimento, é natural que o cenário político tenha uma influência direta do pensamento político/religioso do movimento pentecostal no Brasil, em razão da força que seu atual capital político agregou nos últimos anos em função desse processo de politização e multiplicação das igrejas assembleianas. Este contexto acabou promovendo alguns dilemas oportunos para análise, no qual serão destacados alguns.

Partindo com a questão da corrupção como um dos principais realces atribuídos à cultura política brasileira, dessa forma tornando bem sugestivo ao discurso político/religioso dos pentecostais na elaboração de uma nova categoria de político, ainda nos anos 2000, que se acredita estender até os dias atuais, cuja sua representatividade combatível ao sistema político vigente, que julga degradantes para a moral de honestidade. Diante disso é necessário que o político seja de fato um escolhido de “Deus”, nesse caso entendido por Campos como o “político de Cristo” e não simplesmente um “político evangélico”, no qual a diferença desses tipos ideias ao estilo weberiano se dá segundo o autor da seguinte maneira:

Assim, abordamos na primeira parte o itinerário histórico marcado pelo aparecimento de dois tipos ideais, à moda weberiana: a passagem do ‘político evangélico’, que usava simplesmente as denominações evangélicas para produzir votos que os elessem e depois procuravam defendê-las na fronteira política, até a chegada do ‘político de Cristo’, que a nosso ver se constitui um novo ator político-religioso, pois empresta a sua personalidade para ser usada como um instrumento da confissão religiosa que o escolheu candidato e fez dele o seu defensor na fronteira política. (CAMPOS, 2002, p. 2)

Dessa forma, esse novo agente político é formado pela concepção de “escolhido de Deus” e essa “escolha divina” é intermediada pela igreja como reguladora das aspirações messiânicas na política, como relata o mesmo autor:

Essa nova geração de políticos evangélicos nasceu em um contexto de crescimento da presença pentecostal no Brasil, que fez os evangélicos pentecostais saírem do território marginalizado em que se situavam, para assumir uma atuação mais sistemática e calculada no panorama político. Assim apareceram as ‘bancadas evangélicas’, formadas pelos “políticos de Cristo” de origem pentecostal, possibilitando reforçar o velho sonho sectário: *eleger um Presidente da República evangélico*. Trata-se, porém, de um sonho com lastro messiânico-milenarista, no qual há sempre o “salvador da pátria”, no caso, um “político de Cristo”(CAMPOS,2002, p. 07)

Por consequência, o cenário político brasileiro se vê diante dessa força política hegemonicamente conservadora, que com o discurso de um fundamentalismo religioso se alinha com a concepção política da direita brasileira, que em linhas gerais confronta diretamente grupos que priorizam ideias progressistas, em nome de uma moral religiosa.

Para que essa força se efetive, o uso de ferramentas próprias desse segmento religioso se faz indispensável como o uso da bíblia no discurso político, que contribua na militarização política do eleitorado evangélico, bem como outras formas que de algum modo legitime a presença do crente na arena política como um “escolhido de Deus”. Nesse sentido, espera que este faça a diferença enquanto “sal da terra” e a “luz do mundo”, como na fala de um dos entrevistados na pesquisa sobre “A Ascensão Política dos Pentecostais no Brasil na Avaliação de Líderes Religiosos”, realizada em 2014 por Maria Machado e Joanildo Burity, quando um pastor da Assembleia de Deus diz:

Se a Bíblia diz que sou sal e luz na terra, eu tenho que contagiar e iluminar. Como é que eu, sendo luz, posso deixar que esse país fique por conta da corrupção e dos corruptos e não dou a minha participação como evangélico? Eu necessariamente tenho que ter uma atuação [...].A igreja evangélica influenciou e vai influenciar cada vez mais. E a hora que der, nós vamos fazer um presidente da República evangélico. Não por ele ser evangélico, mas sim por ele ser o melhor. Nós também temos proposta pra melhorar esse país... (MACHADO ; BURITY, 2014, p. 618)

Diante disso, percebe-se na fala do referido pastor um tom messiânico no que se refere ao papel da igreja no sistema político do país, isto é, a solução para dias melhores no enfrentamento da tão famigerada corrupção que incide na necessidade de uma restauração moral, a qual seria alcançada pela influência da igreja enquanto “luz do mundo”.

Dessa forma, para esse discurso obter sustentação é natural que se use o discurso religioso e o uso da bíblia como instrumento imprescindível para militarização política dos pentecostais. Vale ressaltar que o tipo de leitura mais recorrente nessa empreitada é a leitura acrítica e fundamentalista que se reserva a contemplar muito mais aos interesses políticos partidários de um grupo do que de fato fortalecer uma moral fraterna de amor ao próximo. O teólogo Marcelo da Silva Carneiro, em sua abordagem sobre o uso da bíblia na política brasileira, lembra algumas contradições desse tipo de leitura:

A principal consequência é o uso acrítico desse texto, adotado de acordo com interesse de grupo. Não cabe aqui uma reflexão mais extensa sobre a ambiguidade do texto bíblico com relação a diversos assuntos, mas apenas apontar que o fundamentalismo tende apoiar o uso das armas e da violência, é a favor da pena de morte—paradoxalmente sendo contra o aborto (CARNEIRO, 2017, p. 114)

Essa forma acrítica de se compreender a bíblia sem um esforço da contextualização é uma forma habitual de boa parte dos pentecostais quando tenta fazer do conteúdo bíblico a fundamentação de seus interesses políticos. No mesmo ensaio, o teólogo Marcelo Carneiro menciona um sermão do popular líder evangélico pentecostal, pastor assembleianos Silas Malafaia, proferido em 2016 cujo tema foi “o cristão e a política”<sup>7</sup>. Na ocasião, dois versículos bíblicos foram as chaves para explanação do conteúdo ministrado, sendo Mateus 22:21 e Romanos 13:7, na qual o referido pastor parte do entendimento que a narrativa bíblica das palavras de Jesus quando diz; “dai a César o que é de César”, Jesus estaria demonstrando ao crente as obrigações enquanto cidadão do céu, assim como cidadão na terra, ensinando aos ouvintes a importância do compromisso político, e na segunda passagem o apóstolo Paulo estaria reforçando a sujeição às autoridades, pois toda autoridade é constituída por “Deus”. Fica notório que esse tipo de leitura acrítica sem uma melhor contextualização, a qual ignora saber quem foi Nero, bem como compreender o contexto político de opressão do Império Romano é carregado de senso comum.

Portanto esse sentido interpretativo em que Malafaia constrói nessas passagens bíblicas mostra o seu comprometimento com um projeto político conservador. Já em uma leitura eventualmente contextual não ajudaria o pastor no seu comprometimento político. Sendo assim, nesse caso com a interpretação acrítica fica a mensagem ilusória de tirar o povo pentecostal da alienação política (CARNEIRO 2017, p. 114).

---

<sup>7</sup>MALAFAIA, Silas. O Cristão e a política. Youtube, 17/09/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WHftATTHvhc>>. Acesso em: 23/09/2021.

Esse tipo de discurso busca atender os anseios do engajamento político desse segmento religioso, que vê na bíblia sagrada seu manual de conduta de vida, mas com essa maneira de interpretação, acaba formando um discurso polarizador com fins políticos de cunho conservador. No mesmo sermão, Malafaia afirma: “se os ‘esquerdopatas’<sup>8</sup> podem usar a ideologia marxista na política, por que eu não posso falar de Jesus? Marx está acima de Jesus?” Dessa forma, o mesmo procura legitimar o uso do conteúdo religioso na política (CARNEIRO 2017, p. 116). Não se pode deixar de destacar o fato de que Malafaia é um dos expoentes cabos eleitorais no segmento pentecostal. Dentre os nomes de alguns políticos que já receberam seu apoio, constam: Lula, Aécio Neves, Eduardo Cunha e recentemente na corrida presidencial de 2018 de forma bem pujante, apoiou o eleito Jair Bolsonaro. Este intempestivo candidato coleciona inúmeras polémicas, dado sua visão de mundo marcado por características obsoletas e agressivas. Dentre algumas estão: a pena de morte, favorável à tortura e liberação do porte de arma para o cidadão. Esse perfil agressivo não foi obstáculo para que seu nome fosse apresentado em vários púlpitos de igrejas pentecostais, como um bom nome para assumir o comando do Brasil.

O pastor Malafaia, em posse de sua força midiática, manifestou de forma pública o desejo de angariar votos ao seu candidato, em seu canal oficial na internet. Nele, o pastor expõe alguns motivos pelos quais se deveria votar em Bolsonaro, com o título do vídeo: “Por que você deve votar em Bolsonaro?”<sup>9</sup>, Malafaia alega:

Ele é limpo!... ama a nação!...ele é a favor dos valores da família! Ele é contra essa bandidagem de erotizar criança em escola que toda a esquerda quer! Ele é a favor da vida, ele não deve nada a esse sistema político que está aí! Temos que dar um basta a essa gente que destruiu a política brasileira, governo Lula e Dilma! Ciro e Haddad são postes<sup>10</sup> de Lula, o maior bandido da história desse país, vamos dar um basta! Se nós queremos um homem que teme a Deus que não tem medo dessa impressa “esquerdopata”, vergonhosa, que tenta denegrir a sua imagem todos os dias! Essa é uma das maiores provas que esse é o cara! ... eu quero ser profeta pra dizer que o Brasil vai viver os melhores momentos em nome de Jesus! Que Deus abra a mente do povo brasileiro pra perceber essas coisas! 17 neles! Deus abençoe você! Deus abençoe sua família! (MALAFAIA, 2018)

---

<sup>8</sup> Sentido pejorativo atribuído a pessoa de tendência política esquerdista.

<sup>9</sup> MALAFAIA, Silas. Por que você deve votar em Bolsonaro?. Youtube, 25/09/2018 data. Disponível em: <link do vídeo>. Acesso em: data do acesso. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4uBxAI-rPyw>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

<sup>10</sup> É uma atribuição pejorativa dada a um político, que de algum modo não apresenta independência ou iniciativa política, sendo assim, tornando-se manipulável por um outro político, nesse sentido, Malafaia, quis dizer que os referidos candidatos em questão seriam submissos aos interesses do ex presidente Lula

Malafáia faz uso do seu poder de persuasão em favor de um candidato de perfil colérico alinhar-se a um conteúdo de discurso profético dado sua força típica de um caudilho pentecostal, que contagia o eleitorado evangélico pelo carisma que exerce no campo conservador evangélico, sobretudo pentecostal. Daí, buscando legitimar mediante o discurso religioso o nome de Bolsonaro como paladino da moral e valores cristãos, frente a tudo aquilo que associa como a influência do mal, depositado ao adversário político de tendência progressista, no caso em questão, Fernando Haddad, candidato do Partido dos Trabalhadores, que apresentou as melhores chances de vitória contra Bolsonaro na eleição de 2018, o qual Malafáia o qualifica pejorativamente de “poste de Lula”.

Os avanços na pluralidade cultural, lutas feministas, LGBTs, dentre outros grupos minoritários que ganharam espaço durante o governo petista de Dilma e Lula, naturalmente trouxeram incômodo à ala conservadora evangélica. Tais temas tornaram-se os principais argumentos de campanha política de boa parte dos pentecostais, somado a isso a desilusão que o brasileiro nutriu com o PT diante de vários escândalos de corrupção. Essas são algumas das razões que de alguma forma possa justificar o resultado da pesquisa realizada entre os dias 21 e 23 de outubro de 2018 pelo Ibope<sup>11</sup>, divulgada no dia 23 de outubro do mesmo ano, que apontaram os percentuais de intenções de votos entre os evangélicos, quando apontaram que 59% preferiam a vitória de Bolsonaro, enquanto 27% optariam por Fernando Haddad.

Vale destacar, que Malafáia foi um dentre inúmeros líderes religiosos do pentecostalismo assembleiano que se comprometeram em sensibilizar a participação dos pentecostais em prol da candidatura de Bolsonaro. A abordagem não pretende concluir que o desempenho do eleitorado pentecostal é diretamente subordinado ao interesse de seus líderes, até porque existem pesquisas<sup>12</sup> que provam teoricamente o contrário. Entretanto, a forma como se comportaram as principais forças assembleianas na eleição de 2018, leva-nos a pensar o quanto eles podem ter sido determinantes no desempenho do eleitorado pentecostal, uma vez que as principais famílias que gerenciam as maiores convenções pentecostais do Brasil, a saber;

---

<sup>11</sup>Pesquisa disponível em 20/12/2018: < <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/24/pesquisa-ibope-de-23-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-cor.ghtml>>

<sup>12</sup>Segundo pesquisa realizada em 2013 pelo instituto Datafolha somente 18% dos pentecostais afirmaram já terem votado no candidato recomendado por sua a igreja, sendo assim, qualquer avaliação precipitada sobre essa questão é arriscada. Disponível em: 20/12/2018 <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/07/22/religiao.pdf>>

CGADB<sup>13</sup>, CADB<sup>14</sup>, CONAMAD<sup>15</sup>, ADVEC<sup>16</sup>, dentre outras igrejas menores, militaram<sup>17</sup> em favor da candidatura de Bolsonaro, com a principal alegação de defesa dos valores cristãos, da família e contra a ideologia de gênero na escola, ilusionado pelo “kit-gay”.

Essa coalisão de lideranças do pentecostalismo assembleiano no alinhamento em favor de um mesmo nome, provavelmente influenciou e potencializou a militância pentecostal e de algum modo fez com que essa militarização regada pelo discurso religioso conservador e em certo ponto violento contra as minorias, fez de Bolsonaro um candidato ideal. Vale lembrar que Bolsonaro é contra o Estado laico em detrimento ao Estado cristão, no contrassenso republicano, como o mesmo afirmou em discurso em Campina Grande-PB: “...não tem essa historinha de Estado laico. Não, é Estado cristão[...]. As minorias têm que se curvar à maioria. Ou se adequam ou simplesmente desapareçam”<sup>18</sup>.

Acredita-se que com a ausência de uma melhor reflexão política no discurso político/religioso de boa parte dessa militância, de alguma forma pode justificar a banalização da ferocidade presente nela, que compatibiliza com o perfil agressivo de Bolsonaro, que em uma visão arendtiana<sup>19</sup>, é exatamente por essa falta de reflexão sobre os atos que o homem comete é que faz com que um homem não enxergue a maldade enquanto tal. Sendo assim, essa banalização pode fazer de alguém que embora pese as acusações de cunho racista, homofóbico, misógino, um bom representante político dos ditos “cidadão de bem”<sup>20</sup> que associado ao *slogan* de campanha invocando um conteúdo religioso (“Deus acima de tudo!”), atraiu a simpatia de

---

<sup>13</sup> Convenção Geral da Assembleia de Deus é a maior convenção assembleiana, chefiada pela família do pastor José Wellington Bezerra da Costa.

<sup>14</sup> Convenção das Assembleias de Deus no Brasil é gerenciada pela família Câmara.

<sup>15</sup> Convenção Nacional das Assembleias de Deus Madureira é liderada pela família do Bispo Manoel Ferreira.

<sup>16</sup> Assembleia de Deus Vitória Em Cristo, segue sob o comando da família Malafáia.

<sup>17</sup> Sobre o apoio da CGADB e CADB a Jair Bolsonaro. Acessado em 12/12/2018: <<https://folhagospel.com/eleicoes-2018-cgadb-e-cadb-declaram-apoio-a-jair-bolsonaro/>>.

Sobre o apoio da CONAMAD a Jair Bolsonaro. Acessado em: 12/12/2018: <https://www.jmnoticia.com.br/2018/10/15/bispo-manoel-ferreira-se-encontra-com-jair-bolsonaro/>

<sup>18</sup> Discurso de Bolsonaro em Campina Grande-PB. Disponível em 20/12/2018: <<https://www.youtube.com/watch?v=Zx0x4Q8qay4>>

<sup>19</sup> A filósofa Hannah Arendt desenvolveu o conceito de “banalidade do mal” em vista de suas observações acerca do caso de Adolph Eichmann, o mesmo enquanto agente nazista foi responsável pela condução de milhares de judeus ao campo de concentração. Porém em seu julgamento, surpreendentemente a filósofa percebeu que não se tratava de um homem pervertido ou sádico e sim de um homem normal, ocorre que o nível de reflexão sobre sua maldade foi insuficiente para perceber sua crueldade, o que parece típico de uma militância sem reflexão, que faz a pessoa agir de forma cruel, porém sem tal intenção. Que foi o caso de Eichmann que fazia tudo por amor a sua pátria (ARENDDT, 1999).

<sup>20</sup> Classificação bastante usada para desqualificar o que pensa diferente politicamente, no caso, atribuindo ao outro uma categoria inferior a de “cidadão do mal”, que, no entendimento religioso cristão pode ser associado com as forças de Satanás.

grande parte do eleitorado pentecostal assembleiano que em função disso se submeteram a essa militância política em favor da eleição de Bolsonaro.

Sobre essa militarização de uma boa parcela do eleitorado evangélico nas eleições de 2018, o sociólogo Cleinton Souza avalia da seguinte forma:

Tal estratégia leva em consideração o apelo à militarização do mundo evangélico, mas em um ponto nunca antes visto, já que agora se trata de um processo de militarização que não se importa em produzir maldade, uma vez que o mal fomentado pela possível chapa Bolsonaro/Malta - que inclui ofensas gravíssimas a grupos minoritários em termos de direitos sociais e políticos, como negros, mulheres e LGBT, - oferece as razões de ser um segmento evangélico que não se importa com a reflexão (SOUZA, 2018, p. 46)

Diante disso, não há como isentar de críticas esse tipo de militância que reflete de certa maneira o desempenho de boa parte da militância política assembleiana na corrida eleitoral de 2018.

É preciso salientar que embora não muito notório, há entre os assembleianos evidentemente os que não coadunaram com a escolha de Bolsonaro como um bom nome representativo aos anseios pentecostais na política. Mas, com o clima beligerante que se formou durante as eleições 2018, e com esse *front* sendo liderado pelos principais coronéis da fé, deduz-se que nesse teatro de operações conflituosas a peso do discurso religioso de batalha espiritual, veio a silenciar de alguma maneira grande parte do grupo de pentecostais que contrapuseram o nome de Bolsonaro.

Ao que tudo indica, a eleição de 2018 refletiu o avanço da participação política dos pentecostais assembleianos, como um novo agente que integra o cenário democrático brasileiro, que através das mídias evangélicas, redes sociais e por influência do posicionamento político de renomadas personalidades do mundo *gospel*, o campo pentecostal saiu do isolamento político para compor de forma mais ativa o jogo político eleitoral.

### **Considerações finais**

Abordar o processo de engajamento político dos pentecostais no Brasil de forma detalhadamente esclarecedora, não caberia em um artigo dado sua extensão. No entanto o artigo buscou discorrer de forma sintética esse processo de inserção, tendo como referência o pentecostalismo assembleiano como base, para que ajudasse compreender essa marcha política dos pentecostais nos últimos anos, refletida na eleição de 2018.

Como visto a participação dos pentecostais se deu de forma tardia, devido seu caráter sectário e escapista e essa rejeição ao mundo político de alguma maneira fez com que esse segmento religioso também fosse ignorado ao longo do tempo pela classe política. Porém, com o avanço acelerado dos pentecostais no Brasil, a configuração do jogo político teve algumas alterações em um sentido de “aspirações constantinianas” (BAPTISTA, 2009, p.164), dada a atual força política que os pentecostais agregaram nos últimos anos, a qual é tratada pelo jornalista Bob Fernandes da seguinte forma:

Com o vertiginoso crescimento das igrejas pentecostais ou neopentecostais, presidente e políticos em geral passaram a bajular ou temer esse poder, essa força social, econômica, obviamente de enorme e crescente poder midiático-político-eleitoral. Da mesma forma que por séculos bajularam, temeram e se aliaram ou se renderam ao poder da Igreja Católica. (FERNANDES, 2018, p. 12)

Nesse sentido, justifica-se dentro desse processo de militarização política dos pentecostais, a presença das “verborragias da Idade Média” (FERNANDES, 2018, p. 16), sem qualquer constrangimento por parte de inúmeras lideranças políticas/religiosas mais extremistas desse segmento, que aliado à tendência de um conservadorismo radical, permite, por exemplo, que do alto de um monte de oração, um candidato<sup>21</sup> à presidência de uma república desenvolva sua campanha política em um caráter profético.

Dessa maneira, o processo de politização dos pentecostais se estabelece em função do desdobramento da influência social, alcançado por esse grupo em consequência do seu crescimento que rompe os interditos no que se refere ao envolvimento com o mundo político em nome de uma moral religiosa, que pode de alguma forma pôr em ameaça princípios constitucionais de um Estado laico, tendo em conta a cosmovisão de boa parte desse novo agente politizado em ver a política como espaço oportuno à promoção da concepção de sua fé fundamentalista, predominantemente refletida no discurso oportunista de vários políticos que integram a “bancada evangélica”.

Em vista disso, a eleição de 2018 refletiu esse envolvimento dos pentecostais na corrida eleitoral, como peça de extrema importância nesse jogo de poder. O maior jornal impresso pentecostal do país, Mensageiro da Paz, veículo oficial da Assembleia de Deus no Brasil, em tom comemorativo sobre o balanço positivo no resultado da última eleição, trouxe na edição do

---

<sup>21</sup> Trata-se do candidato à presidência da república pelo Patriota, Deputado Federal Cabo Daciolo, que do alto de um monte da Zona Oeste do Rio de Janeiro fez sua campanha política e de oração, que segundo o mesmo, sua oração gira em favor da luta contra as forças da Maçonaria, *Iluminatis* e contra as forças da Nova Ordem Mundial que em outros momentos associou às forças dos comunistas. Conferir no link. Acessado em: 15/12/2018 <<https://www.jmnoticia.com.br/2018/08/17/cabo-daciolo-concede-entrevista-em-monte-de-oracao-onde-esta-em-ato-profetico/>>

mês de novembro de 2018, dentre vários informes, o posicionamento do presidente do Conselho Político da CGADB, pastor Eliazar Ceccon em relação à importância do comprometimento político do crente, argumenta:

A aversão à política não se coaduna com a fé cristã nem com exercício da cidadania. Quando o cristão se afasta do cenário político, além de renunciar aos seus direitos de cidadão, favorece aqueles que, sob o argumento do Estado laico, querem afastar os religiosos das decisões mais importantes para o país, levando o povo a se afastar do criador (Mensageiro da Paz, 2018, p. 5)

Esse tipo de argumentação em certa medida justifica às vésperas da eleição, por exemplo, em uma das principais igrejas pentecostais do Brasil, a transfiguração do tradicional apelo à confissão de Jesus no término da reunião, em detrimento à orientação de como e em quem o crente deveria confiar seu voto. Como se não bastasse, valeu o reforço do próprio candidato nesse apelo através de vídeo gravado e apresentado no altar da igreja, o que seria inadmissível pela maioria dos membros em outros tempos<sup>22</sup>.

Hoje, esses tipos de fronteiras foram ultrapassados, fruto desse engajamento político que, para alguns, essa apropriação da política se dá pela tentativa de buscar influenciar a sociedade em sua concepção de fé, enquanto para outros, essa apropriação faz parte do jogo do poder pelo poder, que conserva por assim dizer, os antigos vícios da política brasileira.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1999.

BAPTISTA, Saulo de Tarso C. **Pentecostais e neopentecostais na política brasileira**: Um estudo sobre a cultura política, Estado e atores coletivos religiosos no Brasil. São Paulo: Annablume, 2009.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BURITY, Joanildo; MACHADO, Maria das Dores Campos;. “Ascensão política dos pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos”. In: **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 57, no 3, p.601-631, 2014.

---

<sup>22</sup> Assembleia de Deus Ministério Belém exibe vídeo e pede votos para Bolsonaro durante culto. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IXbJL6zyWII>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

CAMPOS, Leonildo Silveira, *Os “políticos de Cristo”*. Uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil, Trabalho apresentado no GT Religião e Sociedade, no XXVI Encontro Nacional da ANPOCS, Caxambu, MG, 2002.

CARNEIRO, Marcelo S. "**Assim diz o Senhor**": o uso da Bíblia na política brasileira. In: Nelson Lellis. (Org.). *Religião e Política à Brasileira*. 1ed. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017, v. 1, p. 111-118.

CONSELHO POLÍTICO Ressalta Avanços. **Mensageiro da Paz**, São Paulo, nov.2018.p. 5.

ENGLER, Steve; STAUBERG, Michael. **Metodologia em Ciência da Religião**. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

FERNANDES, Bob. "**E agora vamos aos comentários de política**". In: Nelson Lellis (org). *Religião e Política à Brasileira*. 1ed. São Paulo: Edições Terceira Via, 2018, v.1, p.11-17.

LACERDA, Fábio. **Pentecostalismo, eleições e representações política no Brasil Contemporâneo**, 144 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo – SP, 2007

MALAFAIA, Silas. Por que você deve votar em Bolsonaro? 2018.(02m57s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4uBxAl-rPyw>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MARIANO, Ricardo. Pentecostais e Política no Brasil. **Com Ciência**, v.65.2005. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/13.shtml>. Acesso em 20/11/2018.

SOUZA, C. R. P. **Da militarização do eleitorado evangélico de 2018**. In: Nelson Lellis (org). *Religião e Política à Brasileira*. 1ed. São Paulo: Edições Terceira Via, 2018, v.1, p.45-51.